

CONTOS DE FADAS E REPRESENTATIVIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Maria Fernanda Leandro de Jesus ¹
Lucas Jardel Cipriano Silva ²
Francisca Romelha Alexandre ³

RESUMO

O presente artigo busca apresentar e tecer considerações sobre uma das atividades realizadas por residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP). Através do programa, é trabalhado a observação e a regência, que inserem o residente, na sala de aula dando autonomia para a construção de planejamentos de aulas e atividades a serem desenvolvidas em sala. Com o perfil analisado da turma de 2º dos Anos Iniciais, constituída com 16 alunos, surgiu o interesse de trabalhar a literatura infantil em consonância com questões étnicas de representatividade e valorização da diversidade, desenvolvendo atividade centrada na esfera da identidade e aceitação. As atividades foram realizadas em uma aula completa com os objetivos de compreender qual a ideia que os alunos têm por príncipes e princesas e sua idealização nessas figuras, utilizando com base a obra “Uma princesa Diferentes?” - Cristiane Sousa, sendo desenvolvida com base na “leitura por andaimes” (GRAVES; GRAVES, 1995). A compreensão com base étnico raciais foram utilizados constructos teóricos como Lobato (2004), Santos (2020), Martins (2016), no que concerne os referenciais a literatura se utiliza autores como, Bamberger (2002), Candito (1972), Mello (2014). Com o desempenho da atividade identificamos possíveis lacunas na construção de identidade e representatividade na formação dos alunos, assim como o papel da literatura nessa construção e formação da criança. O papel do professor nesse cenário é primordial, para que o aluno se sinta representado e possa interferir de forma positiva em sua formação como ser humano e leitor. Trabalhar a representatividade mostrou como é carente o encontro de histórias que tragam essa identificação para a criança negra, histórias que possam trazê-la como personagem principal que não seja de sofrimento, mas trabalhar com a criança em sala de aula desde cedo que ela é e poderá ser a princesa do seu próprio conto de fadas se assim desejar.

Palavras-chave: Contos de Fada. Representatividade. Programa Residência Pedagógica. Literatura.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se deu através da participação do Programa Residência Pedagógica ou PRP, é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, fernandajesus@alu.uern.br;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, lucasjardel@alu.uern.br;

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, romelha_alexandre@hotmail.com.

CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. (CAPES – 2022). A participação no Programa Residência Pedagógica proporciona momentos de plena vivência com a docência, oportunizando uma valiosa contribuição ao estudante de pedagogia ao trazer experiências que serão fundamentais para a formação desse futuro docente e de suas ações em sala de aula, pois: “Não é uma tarefa de um dia para o outro. A formação continuada é devagar e todo dia”. (GONÇALVES, SILVA e BENTO, 2019, p.671)

Através do programa, é trabalhado a observação e regência, que inserem o residente, na sala de aula dando autonomia para a construção de planejamentos de aulas e atividades a serem desenvolvidas pelos residentes em sala, em consonância com a supervisão do Professor Preceptor, que é o professor regente da sala de aula. As atividades são planejadas, orientadas e aplicadas com a supervisão do professor, que auxilia os residentes na construção dos saberes pedagógicos inerentes à prática docente. Com isso, os residentes vão aos poucos adquirindo experiência e autonomia para desenvolverem o período de regência em sala de aula. Por meio dessa autonomia a atividade que será relatada e analisada nesse artigo surgiu, contemplando a literatura e a diversidade como pontos principais do que foi trabalhado.

O interesse do tema da pesquisa surgiu depois de um debate dos autores, cada um tinha o interesse de escrever sobre uma abordagem, literatura ou diversidade, ao analisar o perfil da sala, percebe-se o encanto que os alunos têm pelas histórias, de discutir no final de cada livro que foi contado com bastante entusiasmo, além de que, majoritariamente a sala era representada por crianças negras, percebeu-se assim, que poderia ser fundido a escolha do tema, trabalhando tanto a literatura, quanto a diversidade e inclusão que elas podem proporcionar na vida desses alunos. A literatura é imprescindível de ser trabalhada na escola, além da formação do leitor, sendo trabalhada desde os anos iniciais, a literatura irá contribuir para a formação do homem, como cita Joana (2008, p.7)

“O redimensionamento da importância da arte literária na formação humana, a partir do trabalho teatral, implica não somente envolvimento físico e emocional com a obra artística, mas proporcionará, ainda, possibilidade de auto-análise e expansão em direção ao outro, uma vez que o conhecimento de si mesmo leva à descoberta do ‘tu’.”

A várias formas de trabalhar com a literatura, sendo oral ou visual, a mesma irá transmitir o vínculo com a fantasia e a realidade, porém, não segue como a formação

pedagógica formal, a literatura irá agir como um impacto na vida e educando sobre ela não como um manual, sendo dessa forma vista como uma necessidade universal, como diz Candito (1972, p.805)

[...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

Alguns contos de fada contribuem para essa formação da criança e seu contato com as obras clássicas, dentre as mais conhecidas podemos citar: “Chapeuzinho Vermelho” ensinando a não desobedecer; o “Patinho Feio” mostrando que devemos aceitar o que é diferente e enxergar a beleza no que cada um tem de especial ou a história do “Pinóquio” que nos ensina que mentir não é certo e pode nos trazer consequências ruins para a nossa vida. Cada conto tem sua mensagem, como citado por MELLO (2014, p.1) “Ao entrar em contato com a narrativa do conto de fadas, o aluno tem a oportunidade de se desenvolver tanto cognitiva quanto emocionalmente, pois esse gênero literário possibilita reflexões nessas áreas.”. Desenvolvendo do imaginário da criança e muitas vezes auxiliando nas fases de vida, questionamentos e promover experiências afetivas.

Podemos perceber que vários dos contos que poderão trabalhados, assim como as fábulas, sempre trazem uma “moral”, suas histórias podem trazer ensinamentos e reflexões, colaborando para a construção dos valores daquele aluno e corroborando em sua formação leitor/humano. Porém, mesmo compreendendo os lados benéficos dos contos e da literatura, conseguimos destacar lacunas quando essas mesmas histórias não trazem assuntos importantes de serem trabalhados com as crianças, principalmente quando destacamos a representatividade e diversidade, seja ela, étnica, religiosa, entre outras.

O ambiente estudantil é primordialmente, um ambiente diversificado onde pode se encontrar crianças de diferentes etnias, religiões, culturas, classes sociais e outros aspectos. Nessa linha, compreende-se que a educação deve ser inclusiva, para contemplar a sua

diversidade de alunos e humanista, para o professor buscar compreender seu aluno nas suas diferentes facetas.

Ademais, escola antes de qualquer coisa, deve ser um espaço onde o estudante possa se sentir não só acolhido, mas também representado, enxergar-se no ambiente escolar em diferentes eixos, dentre eles, dentro das histórias e literatura trabalhadas em sala de aula, o que nem sempre é uma realidade nas escolas, onde quem é mais ignoradas são em boa parte as crianças pretas, albinas, gordas ou outras que fogem de um padrão estético e eurocêntrico que desde muito cedo foi introduzido na nossa sociedade e isso fica ainda mais claro quando paramos para analisarmos as princesas mais conhecidas como Cinderela, Aurora e a Bela, todas seguindo um padrão e onde essas características segundo Martins (2016) seriam um caminho para a felicidade e um futuro tranquilo, inclusivo, quando relacionado a matrimônios.

Claro que há princesas pretas, como a “Tiana” e até outras personagens e histórias como “Menina bonita do laço de fita” e “Sinto o que sinto”, contudo, em muitas escolas por uma questão de costume e tradição deixam para trabalhar esses contos em datas específicas como o Dia da Consciência Negra, limitando-se a poucos momentos e isso é uma problemática grave, nossas crianças precisam dessa simbologia e representatividade de pessoas pretas nas histórias, nas escolas, na sala de aula e isso não é apenas uma necessidades de nossos estudantes, mas um direito deles assegurados pela Lei de nº 10.639, onde deixa claro que as escolas devem desenvolver práticas de diversidade étnico-raciais.

Essa problemática fica ainda mais grave quando paramos para analisar a literatura do Brasil, um país que surgiu de uma mistura de diferentes povos, mas que mesmo assim, carrega consigo muito preconceito racial, preconceito esse que fica claro e explícito em algumas representações estereotipadas da pessoa negra, como Monteiro Lobato fez com alguns personagens seus como a “Tia Nastácia”, descrevendo-a no livro de Memórias da Emília “Negra beijuda! Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou” (LOBATO. 1936, p. 41), ou seja, somos estudantes precisam de uma literatura que os representem e que os façam sentir parte da sociedade e orgulhosos de suas origens e não estereotipados e inferiorizados.

METODOLOGIA

O levantamento de informações para o estudo se pauta em uma abordagem qualitativa, como MINAYO (1994, 2000) explica é uma “Pesquisa qualitativa responde a questões

particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”. A atividade foi realizada com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal da cidade de Pau dos Ferros/RN, que já havia sido observada durante algumas semanas, foi através desse período de observação que conseguimos analisar o perfil da turma e construir o planejamento de alguns trabalhos e atividades que queríamos desenvolver com os alunos.

Com o perfil analisado, surgiu o interesse de trabalhar a literatura infantil em consonância com questões étnicas de representatividade e valorização da diversidade, desenvolvendo atividade centrada na esfera da identidade e aceitação, assuntos esses esquecidos durante o ano letivo, sendo resgatados em algumas datas específicas, como no Dia da Consciência Negra.

As atividades que realizamos foram feitas por meio de leitura com andaimos (GRAVES; GRAVES, 1995), com a finalidade de compreender qual a ideia que eles têm por príncipes e princesas, qual a idealização deles de como sejam essas figuras da realeza, sendo nossas ações divididas em três momentos: Pré-Leitura, Leitura e Pós-Leitura. É importante que para a realização da leitura por andaimos, o professor tenha feito o planejamento de sua aula com visão no perfil de sua turma e qual a finalidade que aquele livro terá para seus alunos, após isso, o professor fará sua implementação, dividindo os momentos.

A pré-leitura será realizada para prender a atenção e o interesse do aluno na história que logo será contada, nesse momento o professor poderá realizar atividades que irão remeter ao livro que será lido, podendo trazer atividades de conhecimento prévio, músicas, dialogar com a relação da leitura com a vida dos alunos, pré-questionamentos, o professor visualizará por meio da leitura escolhida a melhor forma de trabalhar as atividades de pré-leitura.

O momento da leitura também fica a critério do professor e o que ele busca na realização da atividade, podendo deixar os próprios alunos realizarem a leitura, sendo esse momento de forma silenciosa ou compartilhada. Também poderá ser realizada de forma guiada, com o professor lendo o livro e os alunos acompanhando ou até mesmo de forma interpretativa, onde o professor não precisará do livro para contar a história, utilizando outros recursos como fantoches, palitoches, gravuras, fantasias, dentre outros.

Por último, o momento de pós-leitura será onde o estudante tem a oportunidade de organizar as informações que lhe foram dadas através da leitura, sintetizando as mesmas, dessa

forma, o professor poderá nesse momento avaliar os conhecimentos que foram adquiridos pelos alunos com a leitura que foi feita, trazendo momentos de debates e discursões que devem ser mediadas pelo professor sem sair do foco que tem como propósito. O professor poderá também realizar atividades para fazer essa avaliação, como atividades escrita, artísticas, uma recontagem da história na percepção dos alunos. Dessa forma o professor poderá realizar essa avaliação sem fins de dar uma nota aos seus alunos, mas compreender o conhecimento de cada uma dela por meio da leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A referida atividade foi realizada em uma instituição do município de Pau dos Ferros no dia 24 de abril de 2023, em uma turma de 2º ano contemplada com 20 alunos, atividade essa, realizada no primeiro período da aula onde foi dividida em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Esse momento da contação de história e o exercício realizado é muito importante para a dinâmica da aula, visto que, são momentos que contribuem para melhor compreensão do aluno acerca da temática, além de dar maior liberdade para o aluno se expressar e os mediadores ter alguma noção do conhecimento prévio dos alunos em torno do assunto tratado.

Bamberger (2002, p.42) já bem fala disso quando afirmava que “Se quisermos cultivar a leitura literária precisamos nos lembrar de que a literatura oferece possibilidades suficientes para que cada leitor possa desfrutá-la de acordo com suas necessidades e seus métodos, e que devemos ser cautelosos ao ajudar o leitor a descobrir seu método” ou seja, esses momentos devem ser bem administrados e planejados, na medida que, a pré-leitura cativa o leitor, a leitura o envolve e a de pós-leitura contribui para internalizar a mensagem que o mediador que levar com a proposta de leitura.

I - MOMENTO DE PRÉ-LEITURA:

Para essa etapa inicial decidimos produzir um cartaz com diferentes personagens de contos de fadas, com diferentes características: brancos, pretos, asiáticos e latinos. Entre as crianças distribuimos estrelas onde cada criança poderia dar uma a um personagem. Durante esse momento que eles colavam essas estrelas nos personagens, fomos os interrogando o porquê de escolher aquele dado personagem e as respostas foram inúmeras. Houve uma aluna que escolheu a “Tiana” (A princesa do filme: A princesa e o sapo) por se identificar com o tom de

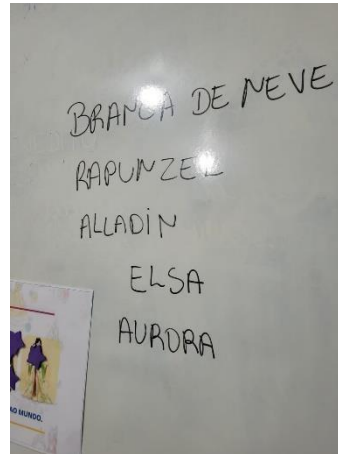
pele e cabelos escuros, outro escolheu o Príncipe “Naveen” (o príncipe do filme: A princesa e o sapo) porque gostava de verde, outra aluna escolheu a “Mulan” (Princesa Asiática da Disney, protagonista do filme que carrega o seu nome: Mulan) por se encantar por seus fios de cabelos lisos e negros.

Figura 1 – Imagem do cartaz que utilizamos



Fonte: Tirada pelo autor, 2023

Figura 2 – Nomes de personagens citado



Fonte: Tirada pelo autor, 2023

Uma das principais mensagens que buscamos trazer com essa dinâmica foi a de apresentar e mostrar que existe príncipes e princesas de todas as cores e características, que não se limitam a personagens com traços europeus como os fios loiros e olhos claros. Além disso, valorizar as singularidades entre os alunos também foi algo que buscamos trabalhar, buscando neles, características de personagens dos contos de fadas, exemplo, quando fizemos a alusão do cabelo loiro de uma das alunas ao loiro da Rapunzel. Segundo BRASIL:

“Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados”. (1997, p. 27)

Justamente por sermos frutos de uma grande miscigenação e repararmos que a turma é formada por crianças de distintas características, buscando fazer esse trabalho focado na valorização da diversidade e das diferenças.

II - MOMENTO DA LEITURA:

Decidimos que para melhor desenvolvimento e interação da história com os alunos uma roda fora da sala de aula seria o melhor. Escolhemos fazer a contação do livro “Uma princesa

diferente?” da autora Cristiane Sousa e Ilustrações de Nathália Forte, a história gira em torno de uma menina chamada “Aninha”, que começa a perceber que as princesas dos contos de fada que sua professora conta não se parecem com ela e se questiona se ela é ou não uma princesa, começando então a encontrar, com ajuda de sua professora, histórias de princesas diferentes do que os alunos estão acostumado, porém, mostrando que mesmo com uma cor de pele diferente ou roupa ou cabelo, elas não deixam de ser princesas por serem diferentes.

Figura 3 – Capa do livro “Uma princesa diferente?”



Fonte: *Google Imagens*, 2020

Utilizamos para a realização da contação as ilustrações do livro e acreditamos que um recurso pedagógico como os palitoches, que são fantoches confeccionados com gravuras e seu apoio são os palitos, poderia dinamizar mais o momento, já que enquanto a história seria narrada e os palitoches iriam passando para cada um dos alunos verem e compreender como e o que está se passando por meio das ilustrações. Esses palitoches foram produções autorais, podendo ser visualizada nas imagens a seguir:

Figura 4 – Palitoches com as ilustrações do livro



Fonte: Tirada pelo autor, 2023

Figura 5 – Roda de Leitura



Fonte: Tirada pelo autor, 2023

Percebe-se que os alunos gostaram no momento que era passado as imagens depois de cada fala da história, eles olhavam e analisavam as ilustrações para encaixar no que foi dito, admiravam as imagens que eram passadas e conseguiam compreender e também realizar questionamentos ao decorrer da história, a narrativa e o intuito dela de ter sido realizada em roda, se deu justamente para ter esse momento de participação dos alunos na história, ver a identificação deles com a personagem principal e poder discutir junto com eles suas percepções em determinados momentos da história.

Em suma, foi um momento de interação e também de mostrar para eles que todos podemos ser príncipes ou princesas, independentemente da cor da pele. No decorrer da história algumas princesas eram apresentadas, eram indianas, chinesas, africanas, questionamos se eles já viram princesas assim, com turbantes, roupas coloridas, cabelos cheios e volumosos. Em sua maioria disseram que não, mas lembraram a princesa *Tiana* da história “A princesa e o Sapo”. Questionamos se eles acreditavam que por elas serem diferentes elas eram consideradas princesas, e em uníssimo responderam que sim.

Ao final da história questionamos se eles se sentiram identificados com a Aninha, um dos alunos afirmaram que sim, pois nunca viu um príncipe como ele. Gostaríamos de destacar esse momento, pois a sala de aula é composta por alunos com características bem diferentes entre si, seja pelo peso, corte de cabelo, estatura... É importante evidenciar também que muitos alunos são negros ou de pele parda e conseguimos observar que a maioria deles foram os que mais se identificaram com a história e realidade de Aninha não encontrar princesas e príncipes que fossem parecidos com eles. Consideramos que esse momento só refletiu a falta de representatividade nas histórias que são trabalhadas em sala, além da não identificação que essas crianças sentem, o que pode afetar de forma negativa na construção e formação do indivíduo como cita SANTOS:

“[...] a falta de referências na formação do sujeito, colabora de forma negativa na identidade, no processo cotidiano da sociedade. A formação social é processo que tem início na infância e segue em construção ao longo da vida, se apropriando de experiências vividas pelos seus, como referências para novas ocasiões. Adquirindo novos saberes, aprendizagens, dando uma nova cara por sua vez ao que já possui forma.” (SANTOS, 2020, p. 181)

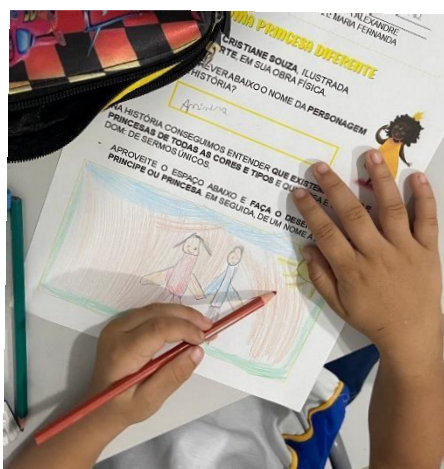
Consideramos que a falta de representatividade acontece e mesmo que não seja verbalizado, as crianças sentem a falta de uma identificação de seus traços representados em

Contos de Fada. Os Contos de Fadas e histórias infantis como um todo são instrumentos importantes no que tange o desenvolvimento do caráter em formação daquele aluno, e porque não trabalhar com esses instrumentos não somente para falar sobre étnica, mas, trazer personagens protagonistas de sua própria história, que mostrem que aqueles alunos também são personagens principais no mundo.

III - ATIVIDADE PÓS LEITURA:

Para o momento pós-leitura, seguindo o planejamento, trouxemos uma atividade em que eles iriam, além de escreverem sozinhos o nome da protagonista da história, desenharem seu príncipe ou princesa da maneira que eles acharem melhor, criando da forma como eles se veem ou da sua imaginação. A sala é construída de crianças criativas e talentosas, então a decisão dessa atividade é que eles pudessem soltar o que tinham de mais primoroso neles e colocarem no papel, segue algumas imagens de desenhos feitos por eles em sala.

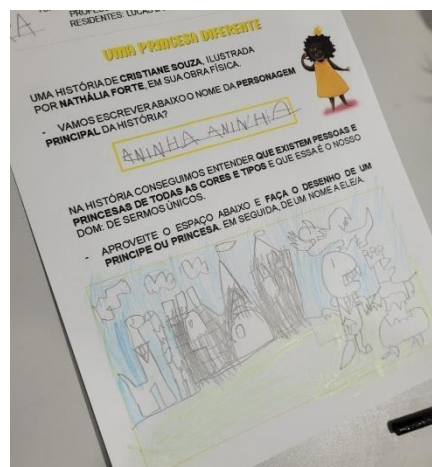
Figura 6 - Aluno desenhando



Fonte: Foto tirada pelo autor

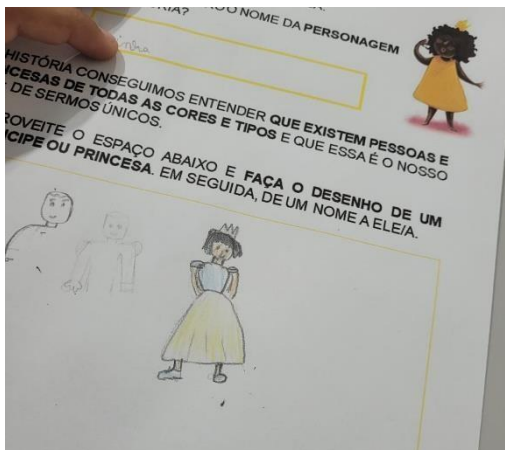
Figura 8 – Desenho de um aluno

Figura 7 – Desenho de um aluno

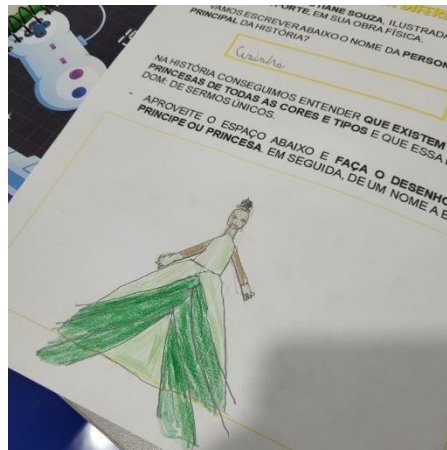


Fonte: Foto tirada pelo autor

Figura 9 – Desenho de um aluno



Fonte: Foto tirada pelo autor



Fonte: Foto tirada pelo autor

A maioria dos desenhos foram princesas, até mesmo os meninos da sala preferiram criar suas princesas. Consegue-se observar que muitas delas foram pintadas de acordo com a cor da pele da protagonista da história, e que os alunos se sentiram muito confortáveis em desenhar seus próprios personagens da maneira como eles se veem ou como seria a princesa ideal de cada um. Em todo momento mostravam o desenvolvimento do seu desenho, até mesmo criando a história daquela princesa, a atividade pode estimular a criatividade, seus sentimentos e ideias.

Foi um momento caloroso, cada desenho entregue percebemos os sentimentos de orgulho que eles sentiam, ao mesmo tempo, acredita-se que uma semente pode ser plantada naquela sala de aula, e que elas puderam se identificar e acreditar que poderiam ser príncipes e princesas da sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos o estudo com a visão do objetivo proposto ser alcançado. Identificamos possíveis lacunas na construção de identidade e representatividade na formação dos alunos, além da visão que muitas crianças demonstraram em cada um dos três momentos que realizamos na contação de história, em se ver como pessoa negra, em destacar o príncipe ou princesa bonita ou feia pelo cabelo ou pelo tom de pele, principalmente quando trabalhamos em uma sala majoritariamente de crianças negras.

Percebe-se o quanto a identidade deve ser trabalhada em sala de aula, e o papel da literatura nessa construção e formação da criança. A história trabalhada significou muito na maneira como as crianças viam a si e verbalizar que elas podem estar em livros, filmes e

músicas, mostrando que o espaço daquela criança é amplo e que ela tem oportunidades de ser o que desejar como qualquer outro aluno ali.

Trabalhar a representatividade só mostrou como é carente o encontro de histórias que tragam essa identificação para a criança negra, histórias que possam trazê-la como personagem principal que não seja de sofrimento, mas trabalhar com a criança em sala de aula desde cedo que ela é e poderá ser a princesa do seu próprio conto de fadas se assim desejar. O papel do professor nesse cenário é primordial, para que o aluno se sinta representado e possa interferir de forma positiva em sua formação como ser humano e leitor.

Através do programa Residência Pedagógica foi possível a realização de atividades serem desenvolvidas como essa, dando espaço para alunos da graduação. Por meio dessa participação o aluno poderá planejar e reger em uma sala de aula, proporcionando uma formação mais humanizadora para esse discente, além de observar os obstáculos presentes em sala de aula e construir meios para o abater os desafios presentes, preparando para sua formação em sala. A integração no programa foi capaz de unir escola e residente no desenvolvimento de uma sala de aula mais integradora, compartilhando histórias com representações e identidade para seus alunos.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília, MEC/SEF.

CANDITO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. 24 (9): 803-809, set, 1972.

GOLÇAVES, S.M.S; SILVA, J.F da; BENTO, M. das G. **Relato sobre o Programa de Residência Pedagógica: Um olhar sobre a Formação Docente**. ID on line. Revista de Psicologia, Universidade Regional do Cariri – URCA, v. 13 n. 48, p. 670-683, 29 de dez, 2019.

JOANA, A.S.A. **A importância da literatura na formação do homem Teatro e literatura dramatizada: uma perspectiva de leitura**. Paraná. Dia a Dia Educação, 2008.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília** In: CASTILHO, Suely Dulce. **O Ser Negro e a Literatura Infanto-Juvenil**. Cadernos Negros, São Paulo: Quilombhoje, v.27, 2004a, p.41.



MARTINS, Maria Cristina. **“E a Bela dançou...”: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n 1, p. 351-363, jan./abr., 2016.

MELLO, V.C.F. **A importância dos contos de fadas na formação das crianças no ensino fundamental**. Paraná, UEPG. 2014.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: . (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

(PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA. CAPES, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao><https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogicabasica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em: 15, março de 2023.

SANTOS, J.F. **Era uma vez... um conto de fadas nunca contado: A representatividade negra dos contos de fadas**. Revista UNB, Seminário Interlinhas, v.8, n.1 e 2, p. 178-189, 2020.